

referência à posição de Habermas no debate sobre a centralidade do trabalho e Ruy Fausto é uma presença fundamental ao longo do livro. Teixeira somente faz emergir, de forma mais evidente, a sua formação, enfrentando, no último capítulo, um tema recorrente entre economistas: a questão da transformação dos valores em preços. É sobre essa questão que se desenvolve, no campo próprio da economia, a questão do trabalho enquanto amálgama do mundo dos homens. A impossibilidade da transformação, como pretende o neoclassicismo, tomaria desnecessária a Teoria do Valor Trabalho de Marx e a sua substituição pelo análogo construído pela economia vulgar, a Teoria do Valor Utilidade.

Há pontos problemáticos a merecerem destaque, quanto aos objetivos sinalizados pelo autor nos prolegômenos. A sua contribuição como economista não o leva a estabelecer um diálogo com autores contemporâneos no campo próprio do pensamento econômico, preferindo as formalizações pela filosofia. A mera leitura dos clássicos não leva necessariamente à (re)posição da crítica. O desvendamento do caráter ideológico da economia convencional, que se propaga pela visão de mundo decorrente de variantes aparentemente neutras e pelo uso apologético de suas descobertas, se faz possível quando

atacado pelas raízes revigoradas por (re)conceituações. Assim, há uma certa frustração do esforço em realizar uma tematização ancorada na dinâmica capitalista, neste final de século, do ponto de vista do pensamento econômico. Assim como chega a um enquadramento restrito do tema da transformação situando-se no diálogo entre Mario Luiz Possas e Claudio Napoleoni.

A preponderância das formalizações pela filosofia tem o sentido de deslocar o debate da angulação proposta pela economia política contemporânea, levando Teixeira a abrir mão de um diálogo enriquecedor, no campo do pensamento econômico, com os regulacionistas e setores do (neo)keynesianismo. É marcante a relação entre Marx e a teoria moderna do crescimento para a qual contribuíram essas duas variantes do pensamento econômico.

Em sentido geral, a obra, polêmica em si mesma, é um bem-sucedido esforço no campo marcadamente complexo da interpretação do texto de Marx. A fidelidade a este se realiza, como observado no prefácio de Manfredo de Oliveira, por manter o esforço interpretativo nos limites da "matriz dialética".

## OCTÁVIO BRANDÃO

*Forças encadeada,*

Rio de Janeiro, 1995,

*Antonio Arnoni Prado* (Professor do Instituto de Estudos Literários, Unicamp).

Nestas *Forças encadeadas*, volume de versos inéditos do libertário Octávio Brandão (1896-1980) que acaba de ser publicado no Rio de Janeiro, mais do que a notação pessoal de combates e batalhas nem sempre levados a bom termo, o que marca é uma espécie de relicário de ilusões que ao longo dos anos vincaram primeiro a alma e depois a obra. Nas oito seções que repartem o livro ("Poesia da terra

natal", "A poesia de Laura", "Sentimento", "Pensamento", "Hinos cósmicos", "A revolta", "Cantos revolucionários" e "Em marcha para o futuro"), a nota do lirismo afina para a revolta os acordes românticos que José Oiticica um dia destacou em epígrafe para depois lançar, não isento de amargura, à fogueira das vaidades. Talvez tivesse razão, vistas as coisas do quadrante

de hoje, muito afastado como sabemos da linha do horizonte em que travaram, ambos, em plena juventude, ao lado de um Astrojildo Pereira, de um Florentino de Carvalho, de um Edgard Leuenroth, algumas das lutas decisivas para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores.

Para Oiticica, a imagem que vai ficar é a do Octávio Brandão anarquista, o homem "culto, inteligentíssimo, profundamente sincero e honesto, [ ... ] avesso ao mando como à submissão, anarquicamente desrespeitador de ídolos e incapaz de receber ordens", ao lado do qual, em missão clandestina, falou em fins de 1918 a centenas de pescadores insubordinados "que se agitavam sem saber lutar (1)". Num poema escrito por aqueles dias, num dos vagares de uma incursão pelos canais de Alagoas em busca do petróleo, o poeta Octávio Brandão, olhando as colinas da margem direita do rio Paraíba, exaltava no Zumbi dos Pai mares "o varão, o eternal, o gigante" em que pulsava "o sopro astral, sublime da igualdade". Por essa época, desfrutava de um lindo quintal ao pé de lento riacho, "perto do sorriso ideal" da irmã, testemunha fiel do abandono naquele "mundo morto de engenho antigo, a dormir, a sonhar (2)". Era moço e já muito impressionado pelo tema de escravidão e do heroísmo, que entremeava a uns quantos versos parnasianos e descorados, em geral de louvação à natureza da terra nativa, de onde brotariam as primeiras visões: a vida em liberdade, a igualdade entre os homens, a mulher amada que lhe daria o primeiro filho, também moldado no heroísmo:

*filho do fogo réu e da procela,  
Herói... clarão ... incêndio ... luz  
... rastilho ...*

e, como um rebento de Tirteu, encarnaria o avatar da rebelião

destinado a cantar a Vitória em todos os seus tons:

*Látego para os maus, luz para os  
bons, Canto de guerra num milhão  
de gritos, Brado de luz para os  
milhões de aflitos!(3)*

Movia-o então a certeza algo ingênua de que a arte dos trópicos daria um outro rumo ao espírito da humanidade. Gauguin é evocado por ele num manuscrito intitulado "O caminho: Epopéia nacional brasileira", a perambular pela baía da Guanabara, cuja beleza lhe teria inspirado o mergulho no paraíso dos mares do sul. O mesmo dirá das impressões do jovem guarda-marinha Rimski-Korsakov a bordo do navio a vela Almáz acerca do "prodigioso oceano tropical, com o seu azul e os seus clarões fosforescentes, o sol admirável e suas nuvens (4)". A poesia "inspirada nas multidões, temperada na dor das batalhas", é um dos temas que se revelam nos manuscritos inéditos do jovem poeta, inconformado com a atitude dos nossos intelectuais, que chega a comparar "flores de estufa a escribas desenraizados do Brasil, voltados para a França decadente e não para a França imortal (5)". Tanto assim que em *Canais e lagoas*, publicado em 1919 pela Livraria Jacinto Ribeiro dos Santos, esse tema reaparece combinado à *lei do desenvolvimento universal* da Humanidade, tão cara aos anarquistas, mas já cortada pelo imperativo da ideologia da libertação nacional inspirada, segundo Octávio, "na doutrina de Marx, Engels e Lenin", com o que o poeta e os artistas em geral passam a integrar as fileiras da luta programática. "Que os artistas e literatos - escreve agora Octávio Brandão - se inspirem no realismo revolucionário e cantem

1. Cf. José Oiticica: "Bem feito!", in *Ação direta* (seleção, introdução e notas de Roberto das Neves). Rio de Janeiro, Germinal, 1970, p. 254. Ver também, no mesmo livro, os artigos "Anarquistas e bolchevistas" e "Brandão e Gildo!!!".

2. Octávio Brandão, "Viçosa de Alagoas", "A quinta do paraíso" e "Engenho pejado" in *As forças encadeadas*. Rio de Janeiro, 1995, p. 17.

3. Ver "Meu filho", *ibid.*, p. 29.

4. Cf. *O caminho: epopéia nacional brasileira* (Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH da Unicamp), 2º vol., p. 7.

5. *Id.*, *ibid.*, p. 108.

a vida, a luta e a história do povo (6)".

Nada mais destoante, no entanto, de certas páginas destas *Forças encadeadas*, que agora vêm a público apresentadas por um texto evocativo e oportuno da filha Dionysa. Ao leitor acostumado ao martelar insensível das palavras de ordem ou mesmo ao palavrório desarticulado tão comum às abstrações forçadas dos textos militantes, o que surpreende é o tom desigual do combatente que se confessa e penitencia, apesar e a pretexto das batalhas a enfrentar. Lendo-o, a impressão que fica é a do homem que por momentos interrompe um combate para olhar comovido a devastação circundante e sem remédio. No centro a modulação das palavras aparando discrepâncias profundas, malgrado o jorro emotivo da pregação ideológica. Do compasso regular, quase solene, dos versos ditados pela alma anarquista em geral sonetos e quadras rimadas - aos textos mais longos inspirados na gramática do partido (poemas maiores, versos soltos e brancos, certa funcionalidade das formas), o traço singular que por vezes aflora é o do olhar impressionado que se distancia, alheando-se de tudo. Duas palmas num rosal iluminado sintetizando a alma revolucionária de Nise da Silveira ("A uma violeta"), a esperança da trégua "em tanta raiva, em tanto fel" ("Ensarilhar armas!"), a agonia do Sete Estrelo sob uma estranha nebulosa como emblema da vida miserável dos deserdados ("O trabalhador de enxada").

Maria Luisa Berneri, afilhado libertário italiano Camilo Berneri, que, incentivada por George Woodcock, trabalhou fundo a distinção entre utopias autoritárias e utopias revolucionárias, nos fala da inaptidão dos visionários e dos poetas para o mundo planejado das utopias nos tempos modernos (7). As coisas mais ou menos se passam como se entre o espírito conservador e o empenho

revolucionário se interpusesse uma habilidade prática, de poder de decisão, sem a qual as imposições da luta social não conseguem avançar, motivo aliás suficiente - como sabemos - para que um visionário como Landeuer (nas palavras de Martin Buber), referindo-se a Walt Whitman, a quem traduziu, o comparasse a Proudhon na sua indefinição entre o sonho e a realidade, o bem comum e a vocação individualista.<sup>8</sup>

Não por acaso é o mesmo Walt Whitman que dá a Octávio Brandão as epígrafes dos livros V ("Hinos cósmicos") e VI ("A revolta") que, em certo sentido, harmonizam duas aspirações opostas: a do visionário que espera voltar "sobre a face da terra, passados cinco mil anos" e a do militante convicto de que os seus versos farão "redobrar os tambores da rebelião" - pontos extremos de reminiscências que aproximam Bakunin e Castro Alves, Marx "e o *Rig Veda*, a aspiração à morte meditada num subúrbio de Moscou e as atribui ações do caboclo Boborema nos sertões remotos do Ceará.

No entanto, é quando fala dos homens ou de sua própria trajetória, e não do partido e da revolução, que a poesia de Octávio Brandão parece apaziguar as indecisões de alguém cuja vida foi marcada pela dor e pela injustiça, nas palavras da filha Dionysa. Não surpreende que justamente através dela, depois de encerrada uma vida de lutas e de provações, uma coletânea de versos *post mortem* venha afinal confirmar que o sonho permaneceu como a única certeza em seu corajoso legado revolucionário. Talvez por isso Lima Barreto, que com ele se solidarizou publicamente pelas perseguições que sofreu por parte do governo de Alagoas, decidiu incluí-lo num texto hoje esquecido sobre *Canais e lagoas*, na falange dos grandes sonhadores - os "doces sonhadores" de verdades.

6. Cf. *Canais e lagoas*. Versão manuscrita (Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH da Unicamp), pp. 59-60.

7. Maria Luisa Berneri. *Viaggio attraverso utopia*. Pistóia, Edição do Movimento Anárquico Italiano (1981), passim."

8. Cf. Martin Buber. *O socialismo utópico*. São Paulo, Perspectiva, 1971, p. 68.

PRADO, Antonio Arnoni. Resenha de: BRANDÃO, Octávio. Forças encadeadas. As forças encadeadas. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1995, 115 p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.166-168.

***Palavras-chave:*** Revolução; Militância; Utopia.